

A ESCUTA DO ANALISANDO

Bruno Abreu de Mello Campos

Sobre a Meta-Linguagem do Campo Transferencial – Um Esboço

Ultimamente tenho percebido em minha clínica um fenômeno que considero digno de nota, ao qual nomearei “a escuta do analisando”. Se pensarmos no conceito de Campo Transferencial, torna-se, em princípio, inviável distinguir analista e analisando, o que é próprio de um ou de outro. Para efeitos didáticos, no entanto, esta separação é possível e até necessária.

Diversas situações clínicas têm-se destacado em minhas vivências, com a recorrência de um aspecto comum, que diz respeito a tal “escuta do analisando”. A fim de expor a questão, crio aqui uma imagem-emblema típica deste panorama que se me apresenta:

O analisando inicia a sessão, via livre associação de idEias. Escuto, durante algum tempo, em silêncio. À minha mente, vão brotando algumas questões que parecem úteis, ou seja, questões de trabalho. Em um dado momento, acumulam-se em torno de três questionamentos, pulsando-me à tona. Começo, então, a colocar um deles, a partir de uma prioridade inconsciente que me urge, em afetação ao que o analisando expressou. Após a ultimidade desta primeira abordagem, passo à segunda questão, sobre a qual também dedico algumas colocações. Volto, então, a aguardar a repercussão no analisando.

Tocando ou não nos dois primeiros pontos, o analisando passa EXATAMENTE a discorrer um pouco mais sobre a terceira questão que eu havia percebido, mas não havia exposto!!! Ou seja, o analisando insiste, precisamente, no terceiro ponto que me chegou à impressão, mas que não compartilhei. Este desdobramento a mais, esta afetação extra, soa como uma prorrogação expressiva, uma convocação direcionada à minha reconexão ao tal terceiro ponto.

(Leia-se este fragmento nunca enquanto uma técnica repetitiva, mas enquanto alusão ilustrativa a esta situação clínica recorrente.)

Refiro-me, aqui, à comunicação entre inconscientes. Uma espécie de música silenciosa que toca como pano de fundo do discurso, compondo um cenário (como no filme “*O Baile*”, de Ettore Scola, talvez). As questões do analisando me são conduzidas por esta outra linguagem, que é continente para o discurso. Isso, antes que eu possa ser, ou não, também continente. Seria como um retrato em desmembramento da expressão do analisando, impressa em mim. Algo como uma “meta-fenomenologia do encontro/instante transferencial”.

O conceito de “continente”, tal como colocado por Bion e outros da chamada escola inglesa, ganharia aqui um contorno abrangente, funcionando em “circuito transferencial”. Analisando e analista revezar-se-iam numa dança de suplementação mútua de uma espécie de “memória afetiva”, ora suportada por um e não pelo outro, e vice-versa.

O “Estranho” na Clínica

“O Estranho” sempre foi um dos textos freudianos que mais resistiram em mim ao desgaste do tempo. Atemporal por excelência, esta obra-prima versa sobre o movimento na clínica. Como um tango, “estranhezas” e “familiaridades” se aproximam e se distanciam, com e sem impactos. O texto é uma imagem da clínica, definitivamente.

Há cerca de um ano, passei a questionar mais frontalmente a problemática do “mal-estar” enquanto norteador do trabalho psicanalítico. Ao desconstruir esse vício sintomático da escuta do analista, desdobram-se inúmeros outros paradigmas, que sempre estiveram presentes e até percebidos, mas nunca elevados e reconhecidos à categoria de norteadores centrais. Nunca ameaçaram o domínio do mal-estar (ou termos análogos, como “sintoma”, “sofrimento” ou “desprazer”) enquanto centro da escuta do analista.

Desobstruindo minha escuta da “cera” desse norteador, passei a ouvir o que antes não me convinha ouvir* (ainda que eu não soubesse disso). Hoje, um ano depois, sinto-me totalmente “des-norteador” na clínica. Meus analisandos soltaram uma “revoada de preciosidades”, antes aprisionadas pelos grilhões da ditadura do mal-estar. Com as asas leves, desacimentadas, estão fazendo uma verdadeira bagunça. Eu, que não atendo

crianças, vivo agora na balbúrdia do não-saber. Explícita torre de Babel, sento-me no chão e imagino jogos de aproximação linguajeira, e pré-linguajeiros.

È claro que não tenho a pretensão de uma escuta livre, claro que tenho inúmeros vícios de escuta. Além, inclusive, dos paradigmas que constituem meu estilo (que também podem ser vícios...) – interesses que compõem minha escuta, a figura-e-fundo da minha percepção.

Inclusive e apesar disso, a livre associação de ideias (regra fundamental e nunca envelhecida) praticamente renasceu em minha clínica. As expressões dos analisandos capturam minhas impressões, como se fossem pássaros me esbarrando por todas as direções, para todas as direções.

Quando, exaurido da beleza dessa “migração alada”, eu findo, algum pássaro (questão-norte) pousa e se empresta a trabalho, se disponibiliza a algum contorno de norte. È quando, temporariamente apaziguada, a asa do desejo aceita pôr os pés no chão. È nessa tangente entre Real e Imaginário que posso trabalhar. Psicanalista, pois.

*Alusão ao texto “*O Ouvido com que Convém Ouvir*”, de Serge Leclair.

Rio, 13 de agosto de 2010.

- A responsabilidade dos artigos assinados é dos seus autores.